

Ação Sindical

ESTUDOS - CRÍTICA - ORIENTAÇÃO

Ano I - N.º 1 - Março de 1958 ~ Diretor responsável: Alexandre C. Pinto ~ Administrador: Rubens Leite
Redação: Rua Rubino de Oliveira, 85, 1.º andar ~ Correspondência: C. P. 5739 - São Paulo - Brasil

A exploração do homem pelo homem fornece a base a todo comércio e sua moral, a todas as hierarquias e autoritarismos. A emancipação dos trabalhadores — única parte explorada — acabará com tal base. O sindicalismo, visando essa emancipação, permite deduzir que sua finalidade não se limita aos problemas econômicos. No bojo de seu federalismo aninham-se os germens de um mundo novo. É preciso que todos os idealistas compreendam isto.

Nossa Campanha

A longa noite da ditadura ainda arrasta suas pesadas sombras pelo campo sindical. Os liames e a mordida que ela impôs aos trabalhadores reinam ainda de modo aberrante, escoiceando o texto constitucional de 1946, reduzindo o sindicalismo a termo de pequenas autarquias estatais.

Os trabalhadores não se apercebem ainda de que podem enveredar por outros caminhos mais amplos; não compreendem que a legislação que os amarra ao carro ministerial não tem consistência e que pode ser anulada com o simples desconhecimento da mesma. Enganados pelos saudosistas da ditadura, mantêm abertas as portas dos sindicatos a todos os paraquedistas da política e a todos os enamorados dos cofres sindicais.

Os sindicatos criados pelo Estado Novo, após a dissolução dos legítimos, eram destinados a servir o nascente fascismo indígena. Só quem falasse a linguagem chauvinista da época tinha a eles acesso. E uma caterva de espertalhões tomou conta de sua direção, passando a mamar o impôsto sindical com que os presenteou o ditador. A ditadura caiu de podre, voltaram as liberdades convencionais, incluindo nelas a de livre associação. Mas os sindicatos, legítimas associações de defesa dos interesses dos trabalhadores, não gozam dessa liberdade. Por quê? Porque os trabalhadores, mal orientados e oprimidos pelos asseclas do estado-novismo e pelos "revolucionários" que a eles se juntaram depois, não sabem, dado o longo desuso de seus órgãos de classe, como sair do beco em que uns e outros os mantêm.

Há greves, é certo, e uma ou outra manifestação de revolta contra a exploração de que são vítimas. Mas as primeiras, por vezes, só têm a finalidade de injetar ao sindicalismo ministerialista um pouco de vida, fazendo crêr aos trabalhadores que seus sindicatos estão muito bem assim... Quando as greves não têm essa finalidade, entra em cena o 9070.

Nossa missão é esclarecer os trabalhadores, como trabalhadores que somos também, sobre a verdadeira finalidade do sindicalismo e sobre suas táticas de luta. Muito ao contrário do que afirmam alguns pelegos, não há nada ultrapassado nessas táticas, que são as da ação direta, as que permitem acordos sem desdouro e sem favores de ninguém. O colaboracionismo per-

mitiu que os trabalhadores sejam hoje mais explorados do que ontem: trabalham mais horas, pagam mais impostos, já agora direitos alguns deles, tudo resultado das "vitórias" de seus pseudo líderes.

Alguma coisa, de fato, foi ultrapassada: a época das patas de cavalo. Não por força da boa vontade dos que governam a coisa pública, mas por força do novo quadro social advindo da última guerra. Nossos pracinhas enterraram nas trincheiras conquistadas ao fascismo os cascos dos cavalos de todos os déspotas.

Nossa obra será, com primazia, a do esclarecimento.

Nossa crítica será construtiva e de unidade, pois não achamos recomendável a criação de novos sindicatos, uma vez que os que existem podem e devem livrar-se de todas as tutelas e dos maus elementos que os infestam. Os poucos diretores e militantes que servem o sindicalismo com abnegação, com o desinteresse que ele exige, contarão sempre com nosso apoio. Não consideramos o erro inconsciente como um mal sem remédio. Mas levaremos ao pelourinho os que procuram conduzir por caminhos tortuosos a massa dos oprimidos.

"Ação Sindical" é fruto do esforço de um grupo de trabalhadores de todos os ramos, que teve como pioneiros um punhado de gráficos. Para viver, conta apenas com a boa vontade e o trabalho voluntário dos que acham necessária a sua publicação. Sua tarefa será árdua, pois contra ela se levantarão os milhares de parasitas de todo o país que sugam os milhões do impôsto sindical. Sua gritaria, entretanto, poucos comoverá.

"Ação Sindical" procurará ordenar a obra das minorias de todos os setores que ora lutam pela moralização em seus sindicatos. É uma tribuna dos trabalhadores, que a poderão usar sempre que quiserem.

É chegada a hora de tomar posições. Nossa ação requer o apoio dos mais conscientes, dos mais decididos e dos mais abnegados. Estão, pois, convocados.

Os "comunistas" indígenas, feitos à moda russa, observam em toda a linha o culto da personalidade. E introduziram no campo sindical o hábito das palmas à sua verbosidade. Resultado: suas torcidas uniformizadas aplaudem muito e pensam pouco. É que não se pode soprar flauta e chupar cana ao mesmo tempo...

Direito de Greve

O trabalhador vende seu trabalho braçal ou intelectual do mesmo modo que o comerciante vende seus artigos. Este faz o preço à vontade; e se um artigo não lhe dá o lucro razoável ou pretendido não o vende mais. Nenhuma lei o obriga a comerciar com determinado produto.

Do preço de seu trabalho, o operário tira o sustento para si e a família. Se não lhe pagam quanto precisa, pode ele, dentro da lógica das coisas, suspender a venda de seu trabalho e cruzar os braços.

A constituição da sociedade, entretanto, não permite esta simples solução. Todas as riquezas — reservas de trabalho acumulado — estão nas mãos dos que negociam o trabalho alheio. O trabalhador não tem reservas e é obrigado a vender seus esforços diariamente, sem interrupção, para não morrer de fome.

No estudo da questão e através de ensaios de defesa, os trabalhadores chegaram à conclusão de que precisavam unir-se em sindicatos para defenderem o justo preço de seu trabalho. Em muitos anos de luta, conseguiram melhorar seu padrão de vida e diminuir horários, obrigando mesmo os detentores de riqueza a reconhecer-lhes alguns direitos inerentes à sua qualidade de homens. Via de regra, essas conquistas foram devidas a greves promovidas por seus sindicatos.

As classes dominantes, bem aconselhadas, perceberam que a greve era um mal menor, um processo lento de reajuste social inevitável, e acabaram por reconhecê-la como arma de defesa dos trabalhadores, na conferência de Chapultepec.

O Brasil é sinatário desse documento. Mas, ao subscrevê-lo, nossos estadistas não tinham a intenção de cumpri-lo. Nossos operários, entorpecidos e amordaçados por uma longa ditadura, podiam esperar... E em vez do direito de greve — puro e incontestado — nossos legisladores impuseram aos trabalhadores o monstruoso 9070.

Como todas as coisas iníquas e injustas, o 9070 não podia eternizar-se. Os trabalhadores passaram por cima dele, praticaram o nobre princípio da solidariedade, proibida pelo famigerado decreto, e proclamaram seu direito de usar da greve, em todas as suas formas, sempre que se decidissem a novas conquistas.

A Câmara Federal acaba de aprovar a regulamentação do direito de greve previsto na Constituição de 46. O projeto subiu ao Senado. Haverá, possivelmente, emendas, provocando a volta à Câmara e o conseqüente retardamento da sanção presidencial.

Mas o fato constitui uma prova de que os trabalhadores estão saindo da letargia do getulismo, abrindo novos horizontes. E mal avisados andarão os legisladores que se opuserem ao arquivamento de todos os processos de opressão herdados da ditadura. O mundo não acompanha mais o passo das lesmas. Já anda a 29.000 quilômetros.

9070

O estudo da solidariedade entre as espécies foi um dos maiores trabalhos de Darwin. Entre os homens, é tida como a mais nobre de suas manifestações. Mas, é preciso definir: entre os homens que são homens. Os legisladores e os juizes que criam e aplicam castigos à prática da solidariedade devem pertencer a outra fauna. A essa outra fauna pertencem os que criaram e aplicam o 9070.

Missão Histórica do Sindicato

PEDRO CATALLO

Os sindicatos, tal como estão hoje, aqui no Brasil e em boa parte do mundo, desencantam e amortecem as mais vivas paixões que possam povoar os anseios proletários. São peças justapostas de uma máquina montada pelos governantes, com a finalidade única de manobrar os trabalhadores, reduzindo-os a conglomerados numéricos, sem vontade própria e sem expressão ideológica. São órgãos desvitalizados, anêmicos de pensamentos, paupérrimos de pretensões, sujeitos terminantemente à intervenção ministerial, como foi o recente caso dos marítimos.

Particularmente no Brasil, os sindicatos vivem ainda sob a vontade histeriônica do vandálico Mussolini, que apesar de justificado e morto, vive ainda por entre as amarfanhadas folhas da "nossa" mastodôntica Legislação Trabalhista, que, como todos sabem, não passa de copia fiel da célebre "Carta del Lavoro" dos fascistas. E aqui repete-se a clássica e proverbial frase: "OS MORTOS GOVERNAM OS VIVOS".

Faz mais de vinte anos que os trabalhadores vivem enleados nesse "milagroso" papelório, e a situação dos mesmos é sempre tensa e alarmante, com tendência de agravar-se assustadoramente. O círculo vicioso dos aumentos sincrônicos, nos salários, nos viveres, nas vivendas, nos remédios, nos transportes etc., revela, insofismavelmente, que é preciso atentar para soluções mais largas, mais profundas e abrangentes.

Ninguém ignora que noventa e cinco por cento dos operários, vivem grudados às farmácias e hospitais, como conseqüência brutal do trabalho exaustivo e da alimentação deficiente. O aspecto físico do trabalhador é característico e inconfundível. A sua figura humana conhece-se ao longe: é desfigurada macilenta, encarquilhada. O dispêndio exagerado de suas energias, continuamente incensadas pela indigência alimentar e pela falta de repouso confortante e restaurador, dá-lhe esse aspecto doloroso de homem cansado e amarfanhado. Ninguém mais quer ser operário, porque ser operário é a pior condição econômica, a que menos possibilita cultura, instrução, bem-estar. É a categoria de pessoas que mais trabalha e que menos ganha, sempre ameaçada de ganhar cada vez menos e produzir cada vez mais. E toda a culpa do encarecimento da subsistência é atirada por cima dos salários dos trabalhadores, justamente sobre aqueles que são, de fato, os fatores diretos e únicos de toda a riqueza social, de todo o patrimônio econômico das nações.

O pior mal que os sindicatos amarelos ou ministerialistas trouxeram, foi, sem dúvida, o aparecimento de uma categoria de homens que se intitulam líderes e que são conhecidos vulgarmente pelo expressivo nome de pelegos. Esses pelegos constituem uma fauna parasitária que surgiu como geração espontânea e vive encrustada aos cofres sindicais. São eles mandatários absolutos de sindicatos e federações, de confederações e autarquias de previdência social; colaboradores incondicionais dos governantes e que se movem ao sabor de políticos oportunistas e influentes.

Os pelegos destacam-se ostensivamente pelo notório repúdio ao trabalho, tudo fazendo para não mais voltar às fábricas ou oficinas de onde saíram. Daí a sua mansuetude com os poderes constituídos e com o patronato. Essa nova categoria de parasitas, forma uma forte barreira aos avanços sociais do operariado e representa um entrave perigoso para a evolução cultural e revolucionária dos sindicatos operários.

Apesar disso, o ciclo de hibernação dos trabalhadores está para terminar, o colosso proletário começa a sacudir a cabeça e a dispersar o torpor e a sonolência que lhe foi inoculada pela voracidade política do bolchevismo, do fascismo, do conservadorismo ministerialista e, em grande parte, do clero. É um despertar lento e vagaroso, porém, marcante e decisivo.

A reforma social do conglomerado humano deve acontecer, devemos realizá-la; e quanto antes melhor, se queremos evitar a hecatombe coletiva de uma nova guerra, que também se aproxima, apavorante e vertiginosamente. Os sindicatos operários, têm, nessa reforma social, a sua missão histórica muito bem delineada. Já não podem ser mais instrumentos flexíveis, sem equilíbrio próprio, sem uma força intrínseca, sem um destino certo. Eles são, certamente, os baluartes de defesa e de conquistas contra o capitalismo ladravaz, mas, e acima de tudo, os sindicatos operários são a força humana máxima que deve operar, preponderantemente, na transformação social. Representam o aparelhamento simetricamente certo, que deve substituir definitivamente o velho e carcomido arcabouço do Estado, juntamente com os órgãos que lhe são inerentes.

São eles, unicamente eles, que devem organizar a produção, o consumo e a distribuição. A missão histórica dos sindicatos proletários é a de moralizar o gênero humano, fazendo-lhe compreender que o trabalho é a fonte da vida, e que a vida pertence ao trabalho. Ao trabalho útil, ao trabalho produtivo, ao trabalho fecundo, unindo as mãos calosas aos sábios homens humanitários, aos artistas, aos cientistas, realizando, assim, o maior acontecimento histórico de todos os tempos.

Escurece a Estrêla dos "Líderes"

Os líderes (?) do nosso sindicalismo estão vivendo dias aziagos. Introduzindo no campo sindical o espírito de obediência, acostumando os trabalhadores a secundar apenas os aplausos de uma minoria que se manifesta sempre na hora oportuna... e a «ficarem como estão» na hora de aprovar, conseguiram um domínio quase absoluto nos órgãos associativos. Atribuíram a si mesmos a qualidade de chefes e de orientadores da massa de associados e, nessa qualidade, vêm de há muito fazendo o jogo próprio e alheio.

Há líderes vermelhos, líderes rabanetes e líderes de causas próprias — os apelidados de pelegos — que só se interessam no manejo dos haveres sindicais. Por vezes, os vermelhos viram pelegos e os pelegos se travestem de vermelhos, confundindo-se. De todos, os que mantêm uma posição isenta de perigos e bem definida são os rabanetes, que aplaudem tudo e todos, que são bons patriotas, mistenelistas, revolucionários, pacifistas, colaboracionistas, apolíticos e antipolíticos... (só vendem o prestígio de seus votos a quem mais der, chegando a vender essa mercadoria a mais de um partido ao mesmo tempo, com bela safra em tempo de eleições). Os vermelhos servem-se deles e os mantêm em seus postos através da máquina eleitoral do partido, as células espalhadas pelas grandes oficinas. Todos estes líderes se elogiam e se toleram mutuamente em nome da santa unidade dos trabalhadores. E, todos juntos, bajulam a massa dos associados, pendurando as boas qualidades de todos nos cornos da lua.

Em realidade, quem empunha a batuta dessa orquestra doceafônica são os maiores da clandestinidade bolchevista, interessados apenas em dois objetivos imediatos e uma mentira verdadeira: manter o ódio aos imperialistas — só os do norte, entende-se — e convencer os trabalhadores de que só eles, os «comunistas», são os herdeiros históricos do Socialismo e que só eles (aqui a grande patrão) são capazes de dar a felicidade aos povos do mundo através de uma férrea ditadura exercida pelos seus grandes chefes... em nome do proletariado.

Dissemos que vinham fazendo o jogo próprio porque alguns desses líderes vivem ansiosos e obcecados, com as vistas voltadas para polpudos cargos na administração estatal — justo prêmio a seus esforços pela paz social — cargos que colimariam sua carreira, ponto final de seu idealismo. E dissemos alheios porque, na imensa burrice de sua presunção, servem aos interesses dos grandes ratos da política nacional e aos do quintacolonismo internacional.

As consequências de todas essas andanças têm sido negativas para o sindicalismo. Mas há também a parte positiva: o prestígio de todos esses líderes foi grandemente abalado e marcha agora, apesar das canforadas injeções da imprensa «trabalhista» e dos esforços ministeriais, para o monturo das coisas inúteis e fedorentas. Cabe aos trabalhadores a última palavra: ou aprenderem a dirigir-se por si mesmos, como adultos escarmentados, ou irromperem na marcha fúnebre.

A GLÓRIA DOS LÍDERES FOI PODADA

A última greve, deixando de lado a farandulagem política e apesar dela, foi um forte movimento de protesto contra a carestia e reivindicador de melhores condições de vida. Sob a pressão do movimento, a justiça do trabalho, oportunista como qualquer outra, concedeu 25%. Passada a refrega, acalmados os ânimos, projetados os elementos que o desejavam, desagradada aquela rasteira que o ministro passou em agosto de 56 aos líderes que queriam empregos mais rendosos, realizadas as visitas aos ministerios do trabalho e da guerra (!? e à presidência, apresentadas as desculpas e os reproches à rebeldia dos cabeças, a justiça do trabalho, ante as novas condições criadas pelos mútuos rapapés e salameleques, fez um corte de 7% na vitórias dos líderes... Dos líderes que, entre ameaças e compungimentos, afirmavam dias antes, em memorial dirigido à Federação das Indústrias, que só desejavam o progresso dos industriais patrióticos para que pudessem competir com os do norte, únicos fazedores de sombra a todos os outros papões da indústria, pobres e ricos do Oeste e do Leste...

É claro que os ministros e também os juizes, são compreensivos. E contribuíram também para o progresso dos industriais indígenas, cortando apenas 7% porque se lembraram em tempo que os operários também eram parte no assunto, que sabem fazer greve mesmo sem «grandes líderes», podendo até dar ao tras-

te com todos eles e sanear o ambiente sindical.

A VITÓRIA DOS TRABALHADORES PERMANECE

A vitória dos trabalhadores, conquistada nas ruas, permanece, entretanto, quase intacta. E que, pagos inicialmente os 25%, os patrões tiveram receio de diminuir os salários. Eles não desconhecem os valores da greve branca, da sabotagem, do amolecimento e da má vontade, valores positivos contra a sua usura. Os trabalhadores estão mantendo, de fato, o que conquistaram, desprezando os votos e pragmatismos de todos os cardins e seus acórdãos. E nas indústrias onde esse aumento não foi dado, a produção está sofrendo de desinteria, não se salvando nem com os conselhos dados às massas pelo novíssimo nacionalismo...

Estamos ante uma vitória parcial dos trabalhadores e ante uma derrota dos tais líderes. Estes, por força da obediência que devem aos deuses das estepes, uns, e por força de seus objetivos pessoais, outros, não modificarão atitudes nem procedimentos, salvo algumas honrosas exceções. Mas os trabalhadores, ao que tudo indica, aproveitaram ao máximo os acontecimentos. As críticas aos diretores são ouvidas em todos os locais de trabalho e até dentro dos próprios sindicatos. Surge a consciência da própria força e a descrença nos pretensos chefes e não é de estranhar que em futuro próximo não haja mais campo para os «representantes exclusivos do proletariado» nem para seus planos de marchas e contra-marchas.

A PENETRAÇÃO BOLCHEVISTA

O sindicalismo está servindo de vasto campo de manobras da política internacional. Força ponderável e de expressão do sentir proletário, sua direção tem sido cobijada por um dos setores dessa política. O estadonovismo afastou dele os operários mais esclarecidos, dando margem a que uma caterva de vividores se apossasse dos novos órgãos criados. Com a queda do fascismo, os trabalhadores quiseram tomar conta do que só a eles pertencia. Os bolchevistas tiveram então sua oportunidade, favorecidos ainda pela sombra da ditadura que caía. Pactuaram com os paraquedistas, fingiram getulismo e se enraizaram. Os sindicatos passaram então a patrocinar todas as campanhas que de direito pertenciam ao P. C. E., derivando esporadicamente, para despirar, no apoio a outros partidos. Mas os novos líderes esqueceram-se de que o sindicalismo tem sua finalidade, que tem história, que sofreu os embates de todos os ditadores, que cai para levantar-se sempre de novo.

Não negamos que os bolchevistas, se imitassem os socialistas, trabalhistas e anarquistas, poderiam ser bons militantes no campo sindical. Mas tendo já partido próprio que não lhes permite outras atividades que não visem os interesses do mesmo, vieram ao sindicalismo para transformá-lo em trampolim de suas conveniências e de penetração no que eles chamam de cargos-chaves. Em suas mentes obcecadas por um único tipo de literatura, desconhecendo mesmo o que vai pelo país de seus encantos, misturaram interesses sindicais com interesses de partido. Nem sempre, porém, é possível combinar esses interesses, como vamos ver.

ONDE ENTRA O NACIONALISMO

O bolchevismo russo, misturando arabes com latinos, determinou a seus asseclas a linha nacionalista. Sem denunciar o coice dado no internacionalismo socialista, penetramos os objetivos da nova campanha: nos países árabes, a retração destes à hegemonia anglo-franco-americana, inclinando-os para a órbita russa; nos países como o nosso, ajuda ao desenvolvimento industrial, para que os nossos magnatas possam fazer concorrência aos norte-americanos. Tudo muito natural, porque cada um se defende como pode. Mas, que interessa tudo isso ao proletariado? A Síria e o Egito, por exemplo, já estão fora da órbita dos imperialistas ocidentais. E ali, tal como aqui, os

pobres felás continuam a ser os pobres camponeses e os xeques continuam a ser os ricos senhores que os exploram. Nada mudou, ali, para os trabalhadores. Aqui, como em outros países pouco desenvolvidos, pretendem os bolchevistas apressar o desenvolvimento industrial. A custa de quem?

ONDE AS COISAS NÃO COMBINAM

E' agora que as coisas não combinam. O progresso industrial, como qualquer outro progresso material na sociedade capitalista, só pode desenvolver-se à custa dos trabalhadores, que vêm suando há séculos para acumular riquezas nas mãos dos que os exploram. Querem agora acelerar esse progresso, significa exigir mais esforços e impor mais miséria aos produtores em geral. Ora o sindicalismo visa justamente diminuir os pesados encargos do trabalho, combinando-os com as possibilidades físicas, e não forçadas, do homem. E visa bons salários, como condição imediata, enquanto não puder abolir de todo em novas formas de convivência social. Para um progresso rápido da indústria, o essencial é o baixo preço da mão de obra. E a nossa já é tão barata que está atraindo para nossos pagos fortes indústrias estrangeiras...

Os nossos líderes vermelhos foram postos em sinuca pela alta direção partidária. Se lhe obedecerem — e tudo indica que sim — não farão mais que sabotar a finalidade do sindicalismo e as aspirações dos trabalhadores.

Mas os pobres enganam-se a si mesmos, sofismando que é necessária a revolução industrial para fazer depois a revolução social (!!).

O grande paizinho, o grande Stalin, disse isso, e Ele era infalível. Só falhou numa coisa: morreu...

Já é tempo que os trabalhadores encarem a sua situação com realismo e cuidem eles próprios do que lhes diz respeito.

(Transcrito de «Ação Direta» do Rio)

Do Sr. Deputado Rocha Mendes: "Já existe um decreto (e citou um número) que proíbe contribuições maiores de 8%. Assim, se o projeto for aprovado (o da Previdência Social), não haverá perigo de pagar os 10% previstos na nova lei". Isto, em bom brasileiro, denomina-se abuso da credulidade alheia.

Entre Pelegos...

— Que é isso velho, está de cara fechada?
— Não, apenas pensando como posso tapear a turma. Você sabe, as coisas às vezes não correm como a gente quer... há sempre aqueles espíritos de porco...

— Lá no meu sindicato não tem disso. Há oito anos que sou presidente e não há queixas... ganho 14 contos por mês para aturar a bugrada, mas eles são bonzinhos.

— Eu estou apenas com 9.125...

— Mas você é novo na carreira e, se não me engano, começou com salário mínimo. Certo?

— Sim, mas não julga que sou trouxa. Como estou sempre ao serviço do sindicato ou viajando para o Rio, como por conta dele e os 9 pacotes são livres...

— Eu quase não viajo porque não sou do partido. E não faço questão porque sofro dos rins...

— Qual partido?

— O P. C., naturalmente.

— Mas não é porque não quer. Eu sou do P. C. e membro do conselho consultivo do P. T. B.

— Sim, eu sei, come a dois carrinhos...

— Bem, a gente assim não corre perigos. E sempre tem a chance de candidatar-se a qualquer coisa melhor. Recebe apoio dos dois partidos em troca de algumas declarações...

— Pois eu não aspiro a mais nada. Não sei fazer discursos e só assino o que os do P. C. querem. Em troca eles garantem a minha reeleição. São uns bichos! Não sei como eles fazem pra convencer a bugrada. Falam bonito, prometem a tal de emancipação e só aparecem votos prá chapa oficial. Nas minhas eleições nem houve oposição. Eles convenceram alguns descontentes de que a chapa única mantinha a unidade.

— No "meu" a coisa é diferente. Tem lá uma turma que é do contra e não vai no arrastão.

— Você vai se candidatar outra vez?

— Acho que não. Eu prometi muita coisa e não fiz nada.

Quando muito, serei rebaixado de posto. Mas a ordenado não será rebaixado.

— Ah! isso não! As leis não permitem...

— As leis, nada. Pra isso não há lei, seu F...

— Mas devia haver. Nosso ramo de diretores também é uma profissão como outra qualquer.

— Lá isso é... mas há os espíritos de porco...

— Olha seu B... eu até já pensei em que nós devíamos fundar o nosso sindicato de classe. Que acha?

— A idéia não é má. Assim poderíamos até conseguir promoção por tempo de serviço e ganhar estabilidade.

— Pensa igualzinho a mim. E já que somos dois podemos lançar a iniciativa. Se você acha, podemos consultar o seu deputado. Ele é sabido em leis e pode dar opinião. Podemos até elegê-lo nosso presidente. Assim, se ele não se reeleger, já terá o futuro assegurado...

— Mas você pensa em desligar os nossos diretores da produção?

— Claro, devemos seguir a ética e a dialética dos nossos tempos...

— Então nada feito seu F... Nosso sindicato iria logo à falência porque todos os diretores seriam peritos no malabarismo das contas.

(Mensagem dos subconscientes captada pelo médium X)

Aproveitemos a Lição, Trabalhadores

WALDEMAR GRAÇA

Em verdade, nós os trabalhadores, fomos esbulhados com a sentença do T. S. T., que reduziu a percentagem do aumento que conquistamos nas ruas, de 25 para 18%. Essa resolução do T. S. T., além de ser um achincalhe à classe operária, em que esteve envolvido o poder econômico e os interesses políticos, representa um desafio à nossa capacidade de luta.

E' lamentável que enfrentemos uma situação destas, em que os sagrados direitos de uma classe, que vive apenas de seus salários, sejam espinhados, como o foram em 13 de janeiro. Os senhores ministros atribuíram-se uma função esquisita e sem precedentes: a de patrões. Na ordem jurídica do trabalho, os tribunais arbitram e sancionam aumentos, de acordo com o espírito das leis trabalhistas. Desta vez, desconhecendo uma conquista de fato — e consumada com o aumento recebido — os juizes diminuíram os salários. Fizeram o que muitos patrões não se animaram a fazer. Moral no caso: os juizes foram mais patrões que os patrões mais usurários.

A culpa do acontecido cabe aos dirigentes sindicais, que após a aprovação do movimento grevista, solicitaram a instauração do dissídio coletivo. Ou eles não tinham confiança na capacidade de luta dos trabalhadores e estavam, de antemão, dispostos a acatar qualquer sentença da justiça, ou desejavam a toda força fugir ao trato e à luta direta com os patrões. Nós, os trabalhadores, já que tomamos atitude positiva, isto é, declarar a greve, não devíamos jamais recorrer ao dissídio, justamente o que nos prejudicou.

Uma greve ganha-se na rua e não nos tribunais. E nossos dirigentes de-

viam saber disto, já que tanta coisa sabem dizer na hora em que querem nossos votos e nossa ação para qualquer fim. Os motivos porque orientaram o movimento desse jeito e por caminhos tão errados, só eles o sabem.

Agora só nos cabe aproveitar o ensinamento dado pelos srs. ministros do T. S. T., que foi o primeiro e deverá ser o último.

Nós que vivíamos apáticos, indiferentes, confiando na justiça do trabalho, somos obrigados a rever nossos pontos de vista e a fazer também uma poda na nossa confiança, tal como ela fez nos nossos salários. Para isto — e quase está demais dizê-lo, por tão repetido — é necessário arregimentar nossas forças e preparar nossos espíritos com o objetivo de alcançarmos vitórias alicerçadas apenas na nossa unidade.

Aproveitemos também a lição que nos deram os patrões, unidos contra nós, e certos, antecipadamente, de que nos passaríamos uma rasteira com a troca de pesos na balança da justiça. E aproveitemos ainda, do erro dos nossos dirigentes, que é melhor confiar só em nós mesmos. Não podemos seguir na direção que vamos. E' preciso mudar!

NOVA CONSOLIDAÇÃO DAS LEIS DO TRABALHO

do

Prof. Wilton Pereira da Silva
Manual prático de revisão e fiscalização. Atualizada de acordo com os últimos atos legislativos, seguida de formulário para a prática da legislação trabalhista.

Tip. Linotipo-R. Piratininga, 154

A Melancia

(com vistas ao Campagnole)

*Há na fauna diretora,
Dos modernos sindicatos,
Tipos quietos e pacatos
Que, com labia sedutora
E com pose redentora,
Repletos de pacifismo,
Lendo até no catecismo,
Procuram, dessa maneira,
Resguardar na piotheira
Seu feroz estalinismo...*

*O seu grande idealismo
E' só para uso interno,
Com agasalho d'inverno
Recoberto a simapismo,
Praticam paraquedismo,
Escendendo, noite e dia,
O interesse que os guia.
Mas na aparência enganosa,
Na casca toda verdadeira,
Vê-se logo a melancia...*

B. X.

Não podemos compreender porque o mundo burguês se apavora da nova classe surgida na Rússia com o nome de comunista. O nome foi tomado para granjear o apoio dos trabalhadores simples de todo o mundo, num resguardo contra intervenções armadas. Passado esse perigo, a nova classe de mandões apresenta-se tal como é: opressora, exploradora e guerreira, como a burguesa. Deviam dar-se a mão, na melhor das convivências, até o momento de darem a palavra a seus canhões.

AOS MEUS IRMAOS METALURGICOS

Já faz quase três anos que não vou à nossa suntuosa sede. Os motivos da minha retirada é que eu, homem do batente, me enjojo facilmente de ver sempre a mesma coisa. Sempre as mesmas caras, sempre os mesmos diretores, cada vez mais gordos e melhor trajados.

Nas nossas assembléias, a torcida uniformizada só aplaude os do seu partido e só o que eles dizem é que vale. A ordem do dia já está sempre resolvida antes do início dos trabalhos. No final, sempre os mesmos telegramas, aos mesmos personagens. Só ao general Lott acho que já se enviou uma dúzia, sempre apoiando a sua atitude na política nacional.

Eu não sou político e já faz anos que enjoei também disso. Afinal que nos adianta a política no sindicato? Nós precisamos é que baixe o preço dos gêneros para não termos de trabalhar 10 e 11 horas por dia, como muitos fazem pra ganhar o suficiente.

Nossos diretores deram agora pra andar de costas direitas e as mãozinhas bem tratadas. Um deles até faz "manicure". Não querem nada com o batente e

fogem do ferro como o diabo da cruz.

Assim, qualquer um pode ser um "abnegado" servidor dos trabalhadores.

Nosso sindicato paga a todos eles perto de um milhão por ano. Com esse dinheiro poderíamos ter melhor assistência ou ter um fundo de reserva para quando fôsse preciso, como nos casos da última greve em que alguns companheiros passaram necessidades.

E' por tudo isto que não vou mais às assembléias e não participo mais das atividades do sindicato. Esta é a minha resposta a alguns colegas que sempre insistem pra que vá.

Estou esperando que a classe mude os diretores, pondo gente nova que não ande atrás de políticos e que tenha mais decôro na administração, não gastando tanto com ordenados em gente desligada da produção.

Com o aparecimento deste jornal, é de esperar que muitos colegas que pensam como eu cerrem fileiras em torno de um movimento renovador. E esse movimento já vem tarde.

JOÃO DA BIGORNA

NO SETOR DOS GRÁFICOS

Como anunciamos na quarta página, um pugilo de trabalhadores do ramo organizou-se na Ação Sindical dos Gráficos, com o propósito de moralizar e renovar o ambiente sindical no seu setor. Movimentaram-se em tempo, pois os atuais diretores já andavam há tempos à cata dos nomes que mais simpatias atraem nas corporações para formar a chapa dos suplentes e dos vices, uma velha tática para se conservarem eles mesmos nos cargos chaves.

A coordenação do movimento renovador está sendo agora um obstáculo a essa artimanha surrada. Os melhores elementos da classe estão aderindo à A. S. G. e não vemos jeito para a reeleição na chapa oficial, dos cargos chaves do S.T.I.G.

REORGANIZAÇÃO DO DEPARTAMENTO SOCIAL E CULTURAL DO S. T. I. G.

Na assembléia realizada em 28 do mês p.p. foi renovado o secretariado deste departamento, sendo eleitos para o mesmo os companheiros gráficos João D'Aquila, Waldemar Graça, Ricardo Barbosa, Sebastião Tavares, José Rodrigues, Manoel Zerpa e o Sr. Deputado Estadual José da Rocha Mendes Filho.

Aos novos componentes desse Departamento desejamos uma feliz gestão, concitando-os a que façam do seu Fórum de Debates uma verdadeira fonte de cultura para os trabalhadores do seu setor.

PARTICIPANTES DE CARAVANA AO RIO

Na mesma assembléia foi aprovada a participação de dois gráficos na caravana que foi ao Rio para acompanhar de perto os trabalhos da Câmara Federal sobre o projeto que regulamenta o direito de greve. A escolha recaiu num dos diretores e no companheiro Italo Bovo.

DA ARGENTINA

Nos primeiros dias de julho do ano passado, em congresso realizado pelos gráficos da república vizinha, foi criada a Federación Argentina de Trabajadores en la Imprenta, informada pela seguinte declaração de princípios:

Considerando: Que a organização econômica da sociedade, baseada na exploração do homem pelo homem e na propriedade privada dos meios de produção, é injusta, já que enquanto uma minoria privilegiada goza de todas as vantagens materiais e cul-

«Ação Sindical» terá uma vida limpa e clara. A partir do próximo número dará contas de todas as importâncias recebidas de seus amigos, da venda avulsa e das despesas havidas com a confecção e expedição. Assim, de número para número, todos saberão como vive este jornal. Aqui todos trabalham voluntariamente, desde a redação aos trabalhos da distribuição.

turais, a imensa maioria que compõe a classe obreira, criadora da riqueza social, vive na indigência; que a atual organização política e jurídica tende à perpetuação dessa injustiça, os representantes dos trabalhadores gráficos da Argentina declaram:

Que esta injusta organização social deve ser substituída por uma sociedade baseada na propriedade coletiva dos meios de produção e de distribuição; que até que isto suceda, é dever da classe operária lutar mancomunada para atenuar seus maus efeitos; que ambos objetivos só poderão ser logrados mediante a luta permanente dos operários contra seus exploradores, e que o êxito da mesma deve fundamentar-se na ação coletiva e solidária, tanto na ordem nacional como internacional, motivo por que resolvem criar, com essa finalidade, a Federación Argentina de Trabajadores en la Imprenta (F.A.T.I.).

Quão longe estão os estatutos dos nossos sindicatos ministerialistas desta altiva e justa declaração. E note-se que a orientação dos gráficos argentinos tem tendências socialistas (não do socialismo made in U. R. S. S.), tida naquele país como a mais moderada. Essa linguagem é desconhecida aqui há muitos anos e dela sentem horror até os nossos ultra-vermelhos e ultra-revolucionários «comunistas», por medo de levarem algum chute no... na... enfim em alguma parte de seus corpos moles e escorregadios, provindo da biqueira lustrosa de alguma excelência...

No entanto, essa declaração de princípios é que deve enquadrar os estatutos sindicais em todo o mundo por ser consentânea com a finalidade do verdadeiro sindicalismo.

A Ação Sindical dos Gráficos está convidando seus aderentes e os trabalhadores do ramo que simpatizem com seu programa, para tomarem parte na reunião que efetuará na redação de "Ação Sindical", na Rua Rubino de Oliveira, 85, s/l., domingo, 23 do corrente, às 9 horas.

O mundo burguês deve um grande favor aos estadistas russos: estes, com a mentira de seu comunismo internacionalista e suas falsas promessas, opriam durante 40 anos o proletariado mundial, embrutecendo-o ainda com a propaganda de seus deuses de carne e osso. Os trabalhadores russos nada podem fazer por ninguém. Oprimidos e amordaçados, esperam a ajuda que muitos esperavam deles.

O Côrvo

F. Pi y Assuaga

Deteve o côrvo o seu vôo e disse, ao ver sôbre o terreno, um homem que o trabalhava:

— *Olhem como João lavra as suas terras!*

— *Não sou João — exclamou o homem, erguendo a cabeça; — sou o filho de João que trabalha para viver miseravelmente e pagar pela segunda vez, ao senhor, o valor de suas terras.*

Seguiu voando o côrvo e, mais adiante, viu montado em um cavalo, um cavaleiro.

— *Vai com Deus, don Gil — lhe disse.*

— *Não sou don Gil — contestou o cavaleiro; — sou o filho de don Gil, que vem cobrar pela segunda vez, ao filho de João, o valor de suas terras.*

Passou-se muito tempo.

O côrvo deteve seu vôo e disse, ao ver um homem que suava sôbre o terreno:

— *Olhem como trabalha o filho de João as suas terras!*

— *Não sou o filho de João — respondeu o homem, limpando o suor da fronte, — senão um dos seus netos, que trabalha para viver miseravelmente e pagar pela quarta vez, ao senhor, o valor de suas terras.*

Seguiu voando o côrvo e encontrou mais adiante montado em um cavalo, um cavaleiro.

— *Vai com Deus, filho de don Gil, — lhe disse.*

— *Não sou o filho de don Gil — contestou o cavaleiro, — senão seu neto, que vem cobrar do neto de João, pela quarta vez, o valor de suas terras.*

Passou-se muito tempo.

O côrvo deteve seu vôo e disse, vendo um homem que trabalhava no terreno:

— *Olhem o neto de João como lavra as suas terras!*

— *Não sou o neto de João — respondeu o homem, — senão um dos seus bisnetos, que trabalha para viver miseravelmente e pagar pela sexta vez, ao senhor, o valor de suas terras.*

Seguiu voando o côrvo e encontrou mais adiante montado em um cavalo, um cavaleiro.

— *Vai com Deus, neto de don Gil — lhe disse:*

— *Não sou o neto de don Gil, — contestou o cavaleiro, — senão seu bisneto, que vem cobrar do bisneto de João, pela sexta vez, o valor de suas terras.*

Passou-se um século mais.

O côrvo deteve seu vôo e disse, vendo um homem que, partida a enxada, chorava perto do terreno:

— *Porque chora o bisneto de João?*

— *Não sou o bisneto de João — respondeu o homem; — sou um dos netos do bisneto de João e o senhor me expulsou do terreno que os meus antepassados lavraram, porque não*

OS DESLIGAMENTOS DA PRODUÇÃO

Contrariando a nova linha do nacionalismo, os diretores sindicais estão desligando-se da produção, cada ano em maior número.

Não os criticamos por abandonarem as oficinas porque se o trabalho enobrecesse, os burros andariam carregados de medalhas. Afinal sempre é melhor encostar o corpo e receber sem descontos um ordenado certo — e um pouco aumentado — dos cafres sindicais. O que não podemos compreender é que, tendo a obrigação de pôr em prática o que vêm pregando há tempos, no sentido de incrementar o progresso e o rápido desenvolvimento da indústria nacional, privem a mesma do concurso de seus braços.

Não há consequência ideológica entre o que pregam e o que fazem. Sem braços não há indústria nacional.

Na indústria metalúrgica, por exemplo, há falta de braços. E que fazem os diretores sindicais do setor? Numa aberrante fuga aos patrióticos princípios do recém-nascido nacionalismo, desligam-se todos da produção.

MACAQUEANDO

DIENO CASTANHO

Dizia um macaco aos seus companheiros, sentados à sombra de esbeltos coqueiros: "Espalham por aí extranho boato — (Mas eu não posso crêr que seja fato) — de que o homem provém de nossa raça. Que pavor! Que vergonha! Que desgraça!

Nenhum bicho que usa o nosso nome deixa a mulher e os filhos passar fome. E eu não sei de nenhuma mãe macaca que desse aos filhos leite de uma vaca, ou que para farrear co'a macacada, entregasse as crianças à criada.

Nenhum mono é capaz da bandalheira de cercar um pé de bananeira e depois de encher-se como um odre, deixar que o alimento fique podre, proibindo outros monos de o provar e obrigando-os assim a ir roubar.

Nenhum macaco força um companheiro a trabalhar p'ra êle o dia inteiro, não permitindo que o coitado tome o suficiente p'ra matar a fome. O homem tem caráter muito fraco — não creio que descenda do macaco".

CONTRASTES

Os vitoriosos da última guerra anunciaram ao mundo o advento da democracia e da independência dos povos. Mas lá estão os ditadores, nos dois extremos do velho continente, rindo-se da anunciação. Três deles morreram, um pendurado pelos pés, outro consumido pelo fogo e outro não se sabe de quê. Mas a letra de suas leis rege ainda, sustentada por seus herdeiros espirituais.

A física e a quízmica desvendaram segredos quase inconcebíveis, numa corrida estonteante: desagregação e domínio de matéria, avanços no espa-

tenho podido pagar-lhe pela centésima vez o valor de suas terras.

Seguiu voando o côrvo e encontrou mais adiante montado em um cavalo, um cavaleiro.

— *Onde vai tão depressa o bisneto de don Gil? — lhe disse.*

— *Não sou o bisneto de don Gil — contestou o cavaleiro; — sou um neto do bisneto de don Gil, que vem buscar outro João que pague com sua descendência, a mim e aos meus, outras cem vezes o valor das terras dos meus antepassados.*

O côrvo se afastou e disse grando:

— *Sou mais feliz que os Joões, porque posso pousar livremente no ramo que se me depara. Sou mais nobre que os Gíles, porque não arranco os olhos dos homens até que não estejam mortos.*

ço interplanetário. O mundo deveria sentir-se feliz, beirando uma época de prosperidade e de bem-estar. Mas vive horrorizado com essas descobertas, arreatadas da esfera da ciência para a órbita militar.

As indústrias, equipadas para produzirem ao máximo, não conseguem calçar, nem vestir, nem dar conforto, a mais da metade da humanidade. A terra, já em parte trabalhada com bons maquinários e enriquecida com modernos fertilizantes, não sacia o fome dos que a trabalham.

A liberdade, proclamada nos legislativos, decretada pelos executivos, cantada pelos poetas e artistas, fundamentada pelos pensadores, continua sendo ainda uma aspiração dos povos. Não há liberdade de associação, de reunião, de locomoção, de livre expressão do pensamento.

As legislações de cunho social dão aos trabalhadores mundos e fundos: horários, salários mínimos, estabilidade, pensões, aposentadorias, assistências e previdências. E os trabalhadores continuam subnutridos, trabalham 10 e 12 horas, não vivem até a aposentadoria, não podem educar os filhos e morrem tuberculosos nas vilas, nas favelas e nas ruas.

Todos são iguais perante a lei. Mas isto é tão óco de sentido que até as crianças o percebem.

O Estado, após muitas reformas, garante a todos o direito à vida em condições condígnas e considera o trabalho um dever social. Mas o Estado, apesar de todas as reformas, leva a parte do leão, engole a metade da produção e mantém, com sua máquina burocrática, muitos milhares de parasitas. O Estado é excessivamente caro, arrecadando muito e devolvendo quase nada. E transforma as condições condígnas em condições miseráveis.

Tôdas as leis destinadas ao equilíbrio econômico, desequilibram cada vez mais a vida dos povos.

Os direitos, quando regulamentados, transformam-se em deveres. Há sempre um «desde que...».

Há gente que queima as pestanas, noite a dentro, para esclarecer os trabalhadores sobre estes contrastes. E os trabalhadores, na sua imensa incompreensão, no seu criminoso descaço, preferem mais leis, batem palmas e criam bolor na cabeça.

BELANDO XELEAR

ACAO SINDICAL vive das contribuições dos que julgam necessária a sua publicidade.

PREÇO VOLUNTÁRIO

R. M. B.

Trabalhadores de vários ramos, unem-se contra os carreiristas do sindicalismo

Organizada a Ação Sindical dos Gráficos, que patrocinará chapa de oposição nas próximas eleições para a diretoria do S. T. I. G. de São Paulo

No dia 6 de dezembro, após algumas trocas de opiniões entre colegas de várias corporações, efetuava-se a primeira reunião de um pequeno grupo de gráficos para estudarem as possibilidades de modificar o ambiente de mandonismo da minoria politicamente organizada que há anos se assenhoreou do sindicato da classe. Foi resolvido então que deveriam agrupar-se nesse sentido, criando a Ação Sindical dos Gráficos, que deveria reunir todos os companheiros que estivessem em desacordo com a atual direção do sindicato.

Em sucessivas reuniões, com número cada vez maior, foram debatidos os pontos que deveriam constar da carta da A. S. G. — Resolvia-se também convidar, cada vez, mais colegas de outras corporações. A 3 de janeiro, finalmente, era referendado o programa da A. S. G., que publicamos ao lado.

Surge a idéia de publicar "Ação Sindical"

No mesmo dia, após os estudos dos melhores meios de esclarecer os demais colegas sobre a ação que se propunham levar a cabo, surgiu a idéia do lançamento deste jornal. Mas, calculadas as possibilidades, foi deliberado que deveriam ser consultados trabalhadores de outros setores e dar ao jornal um caráter mais amplo, interessando a todos os sindicalistas.

Foram então consultados dezenas de trabalhadores, entre os mais conscientes, sendo obtido simpático apoio entre sapateiros, metalúrgicos, comerciários, tecelões, professores, choferes, médicos e pedreiros.

Assegurado esse apoio, e após algumas consultas com elementos desses setores, foi resolvido que "Ação Sindical" aparecesse a 20 de fevereiro, convocando já os aderentes da A. S. G. para 28 do mesmo mês. Todavia, tendo sido marcada assembléia do STIG para esse dia, a A. S. G. adiou sua reunião a fim de que os companheiros comparecessem à assembléia. Achou-se prudente também adiar para os primeiros dias de março a saída de "Ação Sindical".

Eleitos, provisoriamente, os titulares do Secretariado

Em reunião efetuada a 13 de janeiro, foram eleitos, a título provisório e até reunião de conjunto de todos os companheiros da A. S. G., os quatro titulares do Secretariado. Recaiu a escolha nos colegas Waldemar Graça, da Rebizze, para Secretário Geral; Jacinto Cruz, da Lanza, Secretário Arquivista; Ary Braga, da São Paulo Editora, Secretário de Finanças; e Alexandre Pinto, da Ipiranga, Secretário de Imprensa.

A A. S. G. patrocinará a chapa da oposição

Em junho próximo deverão realizar-se eleições para a diretoria do STIG. Sabemos que a A. S. G. patrocinará chapa de oposição nessas eleições, composta de elementos simpáticos ao seu programa de moralização. Nela não figurará nenhum "medalhão", mas apenas gráficos modestos e honestos, dispostos a

Ação Sindical dos Gráficos

MOTIVOS:

Com o advento do facismo e das ditaduras, os trabalhadores perderam o direito de associar-se livremente. Como sucedâneos dos sindicatos e com a mesma designação, surgiram os atuais órgãos oficiais entre nós. Fomentados pelo governo que os controlava foram instrumentos de colaboração política. A facilidade de meios, através do imposto sindical e outras sinecuras aos mais prestativos à ditadura, deu ensejo à proliferação de uma nova classe de parasitos, que os trabalhadores, na sua sabedoria, apelidou sarcásticamente de «pelegos».

Restabelecidas as liberdades públicas, o direito de livre associação foi reconhecido pela Constituição de 1946. Mas os novos governantes, com o apoio incondicional dos pelegos e dos políticos que medram à sombra dos sindicatos, aproveitaram todos os decretos e portarias da ditadura, mantendo os organismos de classe sujeitos à canga governamental.

É natural que os trabalhadores procurassem modificar essa situação. Pouco a pouco, algumas imposições da lei foram quebradas pela atitude viril de alguns setores, ficando em vigor, entretanto, contra outros. É que a atitude dos carreiristas do sindicalismo, ansiosos do apoio governamental a «seus direitos», saboteia a luta pela liberdade sindical. Engodo e política são o prato do dia nos órgãos associativos dos trabalhadores, seus cofres alimentam uma caterva de espertos pseudo-líderes e, não raro, a massa de produtores é arrastada a movimentos tramados nos comitês centrais dos partidos políticos, convencionais ou clandestinos.

Esta situação perdura devido ao descaso da maioria dos trabalhadores e à falta de esclarecimentos que os alertem contra as manobras dos corifeus da nova hierarquia sindical.

DEFINIÇÃO DO SINDICALISMO:

«Movimento econômico-social que tem por fim substituir o regime capitalista por um sistema mais justo de economia, partindo da união de todos os trabalhadores em sindicatos profissionais, visando a abolição do salariado e do patronato». «Assembleia-se ao socialismo no admitir a luta de classes, mas dele se distancia porque sua ação visa só fins econômicos, estando separada de qualquer partido e programa totalmente político; o movimento é estritamente obreiro, seus interesses são limitados, exclusivamente corporativos». (Do Dicionário Enciclopédico Brasileiro).

A Ação Sindical dos Gráficos conforma-se com esta definição, embora reconhecendo que nada é imutável e que o sindicalismo pode estender sua ação além da órbita econômico-classista, contribuindo para o estabelecimento de um sistema social igualitário, de liberdade e fraternidade.

FINALIDADE:

A finalidade da Ação Sindical dos Gráficos é promover a sindicalização de todos os trabalhadores do ramo e esclarecê-los sobre os objetivos do sindicalismo. Sua ação é cultural e de unidade e sua crítica terá caráter nitidamente construtivo. Seu programa resume-se nos seguintes pontos:

- 1.º — Imprimir orientação apolítica ao sindicato da classe, combatendo todas as manifestações e manobras partidárias, declaradas ou disfarçadas.
- 2.º — Exigir dos poderes públicos a mais ampla liberdade de associação e a consequente revogação do indecoroso imposto sindical.
- 3.º — Combater o carreirismo em prática, estabelecendo o salutar princípio da rotatividade e da não reeleição.
- 4.º — Combater os desligamentos permanentes dos diretores, da produção, por ser prática corruptora e desfalcadora dos haveres sindicais.
- 5.º — Apoiar todas as campanhas dos sindicatos que visem melhores condições de vida e de liberdade para os trabalhadores, desmascarando, entretanto, qualquer jogo político-partidário envolvido nessas campanhas.
- 6.º — Lutar para que todas as questões trabalhistas do setor sejam resolvidas o mais diretamente possível, a fim de evitar a ação morosa da justiça e a parcialidade dos intermediários.
- 7.º — Promover a organização da Cooperativa de Consumo dos Gráficos, a fim de minorar a má situação econômica da classe, devido à alta constante dos preços.
- 8.º — Lutar pela reforma dos estatutos sindicais, presidenciais e obsoletos, de forma que expressem o verdadeiro sentir e as aspirações dos trabalhadores do nosso ramo.

DA FORMAÇÃO:

A Ação Sindical dos Gráficos é composta pelos trabalhadores do ramo que adiram aos princípios que a informam, sem distinção de sexo, cor ou nacionalidade, não havendo incompatibilidade quanto aos credos religiosos ou filosóficos de cada um.

Em reunião de aderentes, será eleito um secretariado composto de um Secretário Geral, um de Imprensa, um Arquivista, um de Finanças e três suplentes, cujos mandatos terão a duração de um ano.

Os membros do Secretariado apresentarão, mensalmente, relatório de suas atividades e da gestão financeira.

No caso de demissão ou impedimento de algum dos secretários, será ele substituído por um dos suplentes até a primeira reunião da A. S. G., que elegerá novo suplente ou novo titular.

DOS MEIOS:

A A. S. G. conta, para o desenvolvimento de suas atividades, com as contribuições voluntárias de seus aderentes.

OUTRAS DISPOSIÇÕES:

Em caso de dissolução, o patrimônio da A. S. G. reverterá em benefício de entidade de cunho cultural, escolhida na reunião que determinar, por maioria de dois terços, a sua extinção.

provar que a boa vontade vale mais que os títulos dos "líderes" e toda sua tarimba. Os componentes da chapa serão escolhidos dentro das próprias corporações e a designação de cargos em reunião de conjunto.

Caráter permanente da A. S. G.
É resolução dos aderentes da

A. S. G. manter esta em caráter permanente e duradouro. Seus componentes dizem que estando o sindicato sob o domínio de uma minoria organizada e disciplinada, que recebe ordens e orientação de um partido político, é de bom alvitre que os bons sindicalistas coordenem sua

E' inútil acorrentá-lo...



O trabalhador, mais tarde ou mais cedo, acabará libertando-se de todos os liames.

Profissionais das Greves?...

Quero chamar a atenção dos meus colegas gráficos para um fato acontecido na nossa última greve: foi o de ser contratado (é o termo) um dos nossos líderes para dirigir o movimento a tanto por dia. Acho que as diretorias eleitas devem estar à altura de desincumbir-se dessa missão, não precisando contratar ninguém para isso. No nosso setor temos muitos companheiros capazes que não se negam a cooperar nas nossas lutas, sem exigirem a menor recompensa.

Eu entendo que durante uma greve toda a classe é atingida por igual com os sacrifícios de ordenados que ela impõe, e que ninguém deveria ser remunerado, salvo nos pequenos gastos de alimentação aos que, pelas suas funções nas comissões se vêem impossibilitados de ir comer em casa. O que aconteceu, entretanto, foi vergonhoso. Um dos líderes exigiu grossa quantia por 10 dias a serviço da greve (uns 19 contos); assim, foi-lhe fácil falar, de barriga cheia, aos que estavam de barriga vazia.

Isto fica mal para esse líder de proa que não soube compreender os sacrifícios que a hora impunha a todos nós. Mostrou que o interesse é que guia seus passos no nosso meio. Devemos estar prevenidos contra esses papagaios, antes que nossas greves

se tornem uma fonte rendosa para novos profissionais das greves.

A nossa diretoria também merece críticas por aceitar essas imposições de um colega que abusa de seus conhecimentos e de sua facilidade de palavra.

Mas acho que estas críticas pouco adiantam. O que é preciso é mudar.

BATISTA FAZZOLARI

Assim não, pessoal!

Os jornais anunciam que os tranviários de Campinas acabam de firmar acordo com a empresa concessionária dos bondes daquela cidade pelo qual receberão 20% de aumento em seus salários, inferior em muito à alta de preços observada a partir de janeiro de 1957, data base.

O que não está certo de modo algum é o condicionamento desse aumento a outro aumento das passagens. A empresa está pleiteando da municipalidade um aumento de 33% nas tarifas, contando agora com a pressão de seus empregados sobre os edis para conseguir a elevação das passagens. Uma barganha de interesses à custa do povo e dos próprios empregados. Quem sai lucrando, e grande, é a empresa, pois percebendo 33% de aumento na sua renda bruta, dá apenas 20% aos empregados, o que lhe dará, líquido e certo, mais de 20% de lucro na transação.

Os trabalhadores precisam ganhar o suficiente para terem uma vida desafogada. Mas não se devem prestar a esse jogo das empresas, propiciando-lhe lucros sobre lucros, pois, se a moda pega, torna-se inútil e contraproducente qualquer aumento dos salários.

O que os trabalhadores devem procurar, ao mesmo tempo que melhor ganho, é a contenção dos preços.

Assim foi em outros tempos, em que os trabalhadores, notadamente os da panificação, impunham aos patrões, junto com suas reclamações, a condição de não ser aumentado o preço do pão. É verdade que nesses tempos o sindicalismo seguia outros caminhos bem mais arejados. Agora, com as novas táticas, quem ganha o aumento são os patrões. Dão um pedacinho com a esquerda e tiram um pedaço com a direita...

"Todos são iguais perante a lei". Mas a lei não é igual para todos. A diferença parece pequena mas não é. É de milhões de cruzeiros.

ação depuradora. E têm razão. O sindicalismo é apolítico na sua ação, até dentro do espírito da lei. Nêle não cabem os políticos militantes e menos ainda se transformam os sindicatos em joguetes de suas ambições.

Manifesto de esclarecimento

Estamos informados de que, logo após a formação da chapa da oposição, a A. S. G. lançará um bem documentado manifesto à classe, expondo os motivos que a obrigam a tomar posição. Esperamos dar na íntegra esse manifesto em nossa próxima edição. Por agora, nossos votos de bom sucesso aos companheiros da Ação Sindical dos Gráficos.